

18-09-2023

Vendas de Minas

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

As vendas, na alma popular do interior de Minas Gerais, são toldadas de mistérios, histórias, encontros e funções práticas. São locais onde se compram alimentos, bebidas, calçados e ferramentas de trabalho. Nelas o balcão transforma-se no púlpito de roceiros e contadores de causos. Meu primeiro contato com as vendas aconteceu quando era criança e morava no distrito de Santa Rosa, no espaço rural do município de Coromandel (MG). Nesse lugar, a vida, o trabalho, as festas e demais sociabilidades cotidianas ocorriam ao rés do chão. Diz-se que Santa Rosa surgiu a partir de uma cruz e posterior igreja construídas por roceiros. Na paisagem poeirenta e insípida, os primeiros ranchos com moradores apareceram há quase 200 anos. Com isso, assomaram habitantes que constituíram um universo sertanejo nas terras mineiras.

Hoje, essa Comunidade é espremida pelas propriedades rurais que alargaram e esticaram as cercas e criaram uma estrutura fundiária desigual.

Poucas famílias se agarraram às heranças e as terras permaneceram concentradas. A fitofisionomia diversa do Cerrado, outrora repleta de árvores frutíferas e revoadas de pássaros que faziam a alegria da meninada descalça e peralta, foi substituída por monoculturas de café e soja. No povoado, as casas simples exibem os quintais imensos, nos quais os galhos de mangueiras e abacateiros se abraçam carregados de folhagens e frutos. Na história e no cotidiano desse lugar miúdo se destacam quatro vendas, todas situadas no entorno da única praça, centro do aglomerado de habitações: a **VENDA DO TONICO**, a **VENDA DO CHIQUIM**, a **VENDA DO ODAIR** e a **VENDA DA MARIA**.

A **VENDA DO TONICO** era a mais antiga. O vendeiro foi um homem de tempos remotos, comerciante e dono de muita terra e gado. Sua venda existiu em um casarão construído de adobe; janelas e portas de madeira pintadas de verde; assoalho, balcão e prateleiras feitos de tábuas de aroeira. Para os meninos, debaixo do assoalho continha riqueza de moedas que caíam pelas frinchas. Havia uma mesa com balança Filizola antiga na qual o peso era conferido de um lado e outro. No mesmo local tinha um globo terrestre exposto aos deslumbramentos da freguesia. Frente ao balcão, em um banco comprido, alguns trabalhadores, agregados, homens do campo e crianças, sentavam e demoravam à espreita de histórias e causos do mundo rural.

Na **VENDA DO TONICO** mercava-se feijão, açúcar, café torrado, arroz, cachaça, enxada, corda, fumo de rolo, botina, bala chita, pirulito e guaraná mineiro.

Era comum a compra a prazo ou em troca de dias de serviço. Tonic era fazendeiro e demandava o batente dos trabalhadores para o plantio e capina de roças, colheita de café e limpeza das pastagens do gado. Trocavam-se botijões de gás, mantimentos e pares de botinas por dias de trabalho que pareciam infinitos. A assiduidade dos frequentadores era dominada por homens experimentados na lida grosseira do trabalho manual. Gente que possuía as marcas do sol diário na pele crestada. Velhos que para comer tinham que trabalhar sob o arrocho dos patrões. Qualquer passeio no arraial nos convidava a entrar em uma das vendas como a do **CHIQUIM**. O nome da venda faz referência ao modo como as pessoas do lugar chamavam o vendeiro. Chiquim era um senhor branco e alto, de fala serena e poucas palavras; usava óculos e possuía cabelos ralos. Atendia aos clientes com a calma e o tempo das coisas singelas do sertão. De todas as vendas de Santa Rosa, a do Chiquim era a única que possuía o balcão de tijolos e cimento, onde ficava a balança e os rolos de papel para embrulhar as mercadorias.

Os trabalhadores do campo, aos finais de semana, chegavam, entravam, escoravam nesse balcão e permaneciam horas conversando com o vendeiro ou com os parentes e conhecidos. A **VENDA DO CHIQUIM** parecia um espaço pertencente apenas aos adultos que consumiam pinga, tomavam cerveja, faziam negócios, combinavam empreitas e contavam histórias de gente grande.

Um detalhe impressionante era a quantidade de litros de bebida alcoólica nas prateleiras: Cachaça 51, Jurubeba, Martini, Conhaques Presidente e Domus, licores e cervejas engarrafadas. Mas, como nos demais estabelecimentos, havia sardinha enlatada, gás de lampião, extrato de tomate, cabos de enxada, anzóis e linhas de pesca, pacotes de macarrão, farinha e arroz. A **VENDA DO CHIQUIM** está em minhas lembranças como um continente de gente, histórias, cores e gestos. Quando o Chiquim morreu, morreu com ele parte desse mundo do sertão mineiro que vivi na infância. A **VENDA DO ODAIR** foi fechada. Do outro lado do balcão de aço e vidro parecia existir um universo enigmático de quinquilharias que desconhecíamos. Quando os fregueses apareciam para fazer compras, o vendeiro entrava por uma porta que dava acesso a outros cômodos e retornava com as mercadorias. Na imaginação das crianças, o interior da venda era um esconderijo de tesouro de doces, paçoquinhas, brinquedos, balas e guaranás.

Os cachorros e gatos de rua eram acolhidos e alimentados na **VENDA DO ODAIR**. Lembro-me de ir à venda e deparar com gatos dorminhocos nas mesas de sinuca, e as turmas de cachorros deitados debaixo das cadeiras ao lado do balcão.

Quando o vendeiro caminhava na praça e ruas de Santa Rosa, os cães o acompanhavam enfileirados e solenes. Odair é reconhecido no povoado como homem desassombrado. Quando as matas predominavam nas paisagens das cercanias de Santa Rosa, corriam os causos de onças que punham em risco bichos domésticos e pessoas. Conta-se na Comunidade que certo dia o homem da venda foi acuado por uma dessas feras no quintal de um vizinho. Empunhou nas mãos um laço, amarrou a onça amarela e aguardou sozinho a chegada dos companheiros para levarem-na presa em uma carroça puxada a cavalo para longe. Cada pessoa do lugar contava uma versão desse fato. Bastavam reunir para a **VENDA DO ODAIR** tornar-se reino das histórias mirabolantes, oráculo das fantasias em torno do provento comerciante. A **VENDA DA MARIA** localiza-se em uma das casas mais antigas do distrito. A construção de mais de 100 anos possui telhados coloniais, paredes de adobes artesanais, portas e janelas de madeira e pintadas de azul. Diz-se que no passado serviu como ponto de mercancia de tecidos, farmácia e casa veterinária. Mas, como venda é a mais recente da praça, funciona há menos de três décadas e transformou-se no ponto de encontro entre o povo que vive no distrito e nas fazendas do entorno. A venda localiza-se em frente à igreja. Por isso, em dias de missas e festas religiosas, o comércio torna-se o território vital de concentração dos compadres, catireiros, amigos, cachaceiros e conhecidos de perto e de longe. Depois da missa e dos sermões costumeiros do padre, tomar doses de pinga na **VENDA DA MARIA** faz parte da purificação do espírito e da celebração terrena da vida. Alguns encostam no balcão, pedem uma, duas, três doses, distribuem entre os companheiros e iniciam a contação de causos como se habitassem o terreno da fantasia. Também aproveitam para fazer negócios e combinar empreitas de serviços rústicos e antigos como bateção de pasto, reparo de cercas, capina de horta e limpeza de rego d'águas. Os tipos populares de Santa Rosa frequentam a **VENDA DA MARIA**. Jairinho é um deles. Passa o dia sentado próximo às prateleiras de todo tipo de produtos, chega cedo para o café quente e pão-de-queijo gratuitos, fala baixinho e observa estreito cada conhecido que entra e sai. A alegria desse homenzinho é ser convidado para os passeios em festas de roça e cantorias de foliões que ainda existem na região. Outro sujeito que povoa o lugar de graça é o Evandro.

É na **VENDA DA MARIA** que ele compra a cachaça apurada. Após algumas doses, essa figura chistosa transforma-se no rei da palavra e do jogo de damas.

Possui um léxico elegante e conversa emendado, gesticula os braços e narra parlengas diante dos demais bêbados reunidos à sombra de uma imensa gameleira da praça. Era na **VENDA DA MARIA** que o João Limiro, após perambular cesteiro pelas ruas com seu violão Di Giorgio, inaugurava as manhãs de domingo com cantoria de músicas caipiras. Também era nela que o José da Iolanda parava para narrar suas curiosidades de Geografia aos roceiros. Na mesma venda o Zezão exibia suas invencionices em prosa inteligente. Como se vê, as vendas são como paióis de ermos tempos das coisas vivas e singelas do sertão. Nas vendas de Santa Rosa não existem apenas mercadorias, nelas encontramos as especiarias de saberes, gentes e causos de que Minas é guardiã.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.